

## TRAJETÓRIA DE VIDA E DOR: VIVER OU MORRER NO CONE SUL DO TERROR

Jussaramar da Silva<sup>1</sup>

PALMAR, Aluizio. *Onde foi que vocês enterraram nossos mortos*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.

Narrar a trajetória de militantes guerrilheiros durante a ditadura militar brasileira é uma tarefa que exige, do narrador, uma busca de memória – em alguns casos de sua própria memória – além de uma busca de dados, documentos e entrevistas.

O livro de Palmar traduziu essa experiência, dosando dados com a memória de quem viveu o período. Além de se debruçar sobre os dados relativos à ditadura militar brasileira, Aluizio também buscou os dados sobre outros países do Cone Sul que viveram as mesmas experiências entre os anos de 1950 até 1980, década em que vários países já vinham abrindo seus regimes militares para as experiências ditas *democráticas*. Neste sentido, recuperou os caminhos da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), e a posterior desestruturação dessa mesma organização, com pormenores sobre as divergências, as propostas e as perspectivas. E o faz a partir de sua própria trajetória de militância.

Desde a sua juventude, ingressou no movimento estudantil, logo após mudar-se de São Fidelis, interior do Rio de Janeiro, para a Baixada Fluminense, na cidade de Nova Iguaçu, seu trabalho como *office-boy*, o início dos debates na juventude com o Partido Comunista, a passagem para a guerrilha no antigo MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro), o namoro com sua esposa Eunice, as primeiras prisões no Brasil, o nascimento de sua primeira filha no Brasil, Florita, quando já vivia no Chile e depois Argentina, quando fora trocado no seqüestro do Embaixador Suíço no Brasil, o nascimento dos filhos Andréa e Alexandre, na Argentina até sua volta ao Brasil, em 1979.

Depois, conta a peregrinação feita para encontrar vestígios das covas de seus companheiros.

A obra prima por percorrer caminhos que durante mais de duas décadas nortearam as questões do autor: onde estavam enterrados os mortos que retornaram ao Brasil, nos anos de 1970 na tentativa de reorganizar a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Depois

de décadas de trajetória, o autor, com os resultados em mãos, publicou a obra que além de explicar a morte de seus companheiros, somados a dados sobre a trajetória dessa organização no exterior, a vida clandestina de muitos de seus companheiros, a infiltração de militares nos organismos de esquerda na América Latina, e por fim, a Operação Condor.

Os mortos buscados por Palmar são do grupo trazido para o Brasil, organizado por ex-sargento Alberi Vieira dos Santos. Estavam nesse grupo que caiu na emboscada, voltando clandestinamente para o Brasil, com o sonho de organizar a guerrilha, Onofre Pinto, o líder da VPR no exterior, um dos presos trocados pelo embaixador americano Charles Burke Elbrick, quando de seu seqüestro, os irmãos Daniel e Joel Carvalho, Enrique Ruggia, Vitor Ramos e José Lavéchia.

No Brasil, o grupo fora guiado por esse ex-sargento, caindo numa emboscada no Parque Nacional do Iguacu. Era a fase final da Operação Juriti, comandada pelo Centro de Informações do Exército.

O livro inicia com um longo agradecimento. Nele consta o nome de cada morto e desaparecido durante a ditadura militar brasileira, muitos dos quais, amigos, companheiros ou camaradas de Palmar.

A importância de Onofre para os militares se deu por ter sido um dos líderes, tanto do movimento dos Sargentos durante o Governo Goulart, como também da VPR, além de recrutador de Lamarca para a guerrilha.

Na linha de autores que analisam o Governo Geisel como sendo o que impôs o processo final de limpeza, Palmar afirma que a partir de 1974, “a ditadura mandava para o exterior seus agentes infiltrados ou recrutados dentro da própria esquerda”. (p. 17). Curioso esse aspecto porque, oficialmente a Operação Condor só começou a existir a partir de 1975, quando da reunião em outubro de 1975, conforme documento encontrado no Arquivo do Horror (SANTOS, 1998, vol. 1 e 2).

Ao longo da obra de Palmar, percebemos que a colaboração entre as polícias vinha de anos anteriores, como é possível comprovar também em CERVEIRA, (2007). A autora percorre os caminhos do assassinato do major Cerveira em 1973 na Argentina, já resultante de acordo entre os órgãos de repressão.

Neste sentido, Palmar afirma que “durante minhas pesquisas nos arquivos, fiquei impressionado com as informações que chegavam do exterior para repressão” (p. 141), para comprovar que “em 1972, já havia acordo entre Brasil e Argentina para troca de prisioneiros” (p. 290).

Na busca por informações do paradeiro dos mortos, e seu lugar de sepulcro, Palmar narra ter recebido telefonemas falsos dando-lhe pistas equivocadas, visando distrair sua atenção. Todavia, rememora não haver desprezado nenhuma delas, mesmo que falsas,

considerando fundamental para encontrar os vestígios do grupo de Onofre. Dentre seus colaboradores nesta empreitada ressalta o trabalho da *Equipe Argentina de Antropologia Forense*, destacadamente um grupo que vem encontrando o paradeiro de diversos desaparecidos nas ditaduras sul-americanas, dentre as quais a vala em que foi enterrado o corpo do cubano Ernesto Che Guevara, um dos líderes da guerrilha Cubana, ao lado de Fidel Castro.

Somados a esses dados, também houve a pesquisa nos documentos da própria ditadura, encontrados em arquivos como o da Polícia Federal de Foz do Iguaçu, cujo acesso lhe foi possível por ser membro da Comissão de familiares de Mortos e desaparecidos do Brasil, e neste sentido, estar incurso na lei 9140. Além desses documentos, também pesquisou no acervo da própria Itaipu Binacional, situando aí o conjunto documental da Assessoria Especial de Segurança e Informações (AESI-Itaipu). Nesse arquivo, destaca o autor, a parca presença de documentos, passando-lhe a impressão de que teria ocorrido uma “limpeza”. Alguns funcionários da empresa relatam que em meados dos anos de 1980 foram destruídos documentos que poderiam ter informações relevantes sobre o tema.

Palmar buscou insistentemente pelo grupo de Onofre, já que fora convidado a integrá-lo. Mas já havia uma série de denúncias na esquerda que vivia no Chile àquela época da infiltração de um militante de nome Alberi e outro, o Cabo Anselmo. Esse último fora um ex-cabo da Revolta dos Marujos, de 1964. Segundo grande parte da esquerda que sobreviveu à ditadura, Anselmo foi um dos infiltrados nas organizações, comandado nada menos pelo tão conhecido Delegado Sergio Paranhos Fleury, o comandante do DOPS de São Paulo e concomitantemente do Esquadrão da Morte, na mesma cidade. Conforme afirma o autor, Onofre já havia sido avisado sobre a infiltração de Alberi e Anselmo. Mas, ao contrário de acreditar no que lhe afirmavam os demais companheiros, preferira desmoralizar os que denunciavam esses cachorros (como eram conhecidos aqueles que um dia pertenceram a uma organização de esquerda e depois colaboraram com a ditadura militar, infiltrando-se nas organizações e passando-se por comunistas), sem procurar conferir a veracidade dos fatos. Onofre apenas enviara mensagem para Recife a fim de verificar a relação de Anselmo com a ditadura, mas a mensagem trafegou por seu cunhado mais novo, irmão de Soledad Barret, companheira e grávida de Anselmo, que acabou inclusive caindo na armadilha dos militares, depois de ser entregue por seu próprio marido e pai do filho que ela esperava.

Alberi, como narra o autor, havia sido membro do Grupo dos 11, comandado por Leonel Brizola e que estivera envolvido na Guerrilha de Três Passos, no Rio Grande do Sul. Fora sargento da Brigada Militar nesse Estado, o que lhe valeu posteriormente os

contatos que fazia com a esquerda exilada no Chile, Argentina e Paraguai. Para o autor, Alberi fora se degenerando politicamente, até que se envolveu no narcotráfico, morrendo anos depois, logo após o assassinato de seu irmão, em disputas de banditismo.

Em pesquisas no Arquivo da Polícia Federal, Palmar percebeu que nem todos os órgãos sabiam quem eram os *cachorros*. Havia documentos nesse local que comprovam sua teoria, pois existiam pedidos de informações que não há sequer referências a essa infiltração de Alberi. Ao que parece, ele estava sob o comando do Centro de Informações do Exército (CIE).

A documentação apresentada no livro perpassa por informações de órgãos brasileiros, cartas, entrevistas, matérias de jornais até documentos do Departamento de Estado dos Estados Unidos e analisa personagens como Alberi, o Major Cerveira, Gilberto Faria Lima (que assassinou Arthur Henning Borleisen – presidente do Grupo Ultra no Brasil, acusado de envolvimento com as atividades de financiamento da Operação Bandeirantes [OBAN], comandada por Fleury, além de presenciar as sessões de tortura).

A operação que deu cabo na vida desses militantes foi chamada de Operação Juriti. Em e-mail recebido por Gilberto Giovannetti, há a indicação de como se procedeu para efetuar a limpeza de exilados. Na verdade, eles foram atraídos para o Brasil e executados em território nacional. Segundo Giovannetti, a Operação Juriti

“foi conduzida com muita competência militar, com grande e profundo conhecimento apoiado nos serviços de inteligência e agente (ou agentes) infiltrados, vigilância constante, etc. Seus participantes também tinham restrições de segurança, isto é, conheciam parcialmente suas missões e provavelmente apenas os altos comandantes dominavam toda a operação. (...) Atuou sem limites territoriais e nacionais. Isto quer dizer que além do apoio das forças repressivas dos países vizinhos, os agentes transitavam e trabalhavam na Argentina, Chile, etc. – se necessário, como clandestinos de outros órgãos”. (p. 160)

A morte do Grupo de Onofre foi, para Aluizio, a fase final da Operação Juriti, que havia começado no Chile e teve sua continuidade na Argentina.

E isso faz todo o sentido, na medida em que tivemos acesso recentemente a um documento do Departamento de Estado dos Estados Unidos, em que Médici e Nixon definem a presença do Brasil na execução do Golpe contra Allende, que deu posse à Pinochet. Nessa barganha, ficou para o Brasil de “presente”, o financiamento da construção de Itaipu.<sup>2</sup>

Conforme afirma, Palmar sente-se de certa forma culpado por não conseguido avisar aos demais de sua desconfiança em relação à infiltração de Alberi já nos primeiros contatos que teve com este militante, ainda em Buenos Aires, pois, quando este o convidara para integrar a guerrilha – o que ele recusou – percebeu que este possuía informações que um cidadão comum não teria. Alberi possuía alguns dados de onde Aluizio vivia clan-

destinamente na Argentina, sob a ditadura e sob a ameaça da Triple A, a famosa Aliança Anti-comunista Argentina, que também assassinava os militantes, funcionando como Esquadrão da Morte naquele país.

Nesse encontro que, conforme afirma o autor, ele tentou evitar entrando rapidamente num café daquela capital argentina, estava presente também Onofre, o “Negão”, como era conhecido o líder da VPR. Suspeitando tratar-se de uma “furada”, Aluizio prometeu pensar sobre a possibilidade de reingressar no Brasil clandestinamente, juntamente com outros guerrilheiros. Todavia, marcou um encontro para as 22:00 e não compareceu, retornando para casa, no interior argentino, voltando às suas atividades de pequeno comerciante.

Narra ainda que nesse período, por casualidade, foi salvo de algumas investidas policiais. Numa delas, quando a polícia argentina chegou à sua casa, estavam apenas sua esposa com as crianças. Ao chegarem e solicitarem os documentos, Eunice começou a conversar, explicar que o marido fora à cidade, que levou os documentos, pois era um comerciante, enquanto beliscava os filhos sorrateiramente para que estes chorassem. Tanta choradeira, a demora de chegada do marido e o espanhol portenho impecável falado pela esposa, o empregados realizando suas atividades levaram os policiais a se retirarem, convencidos de que se tratava de uma família argentina.

O texto de Aluizio denota tristeza ao narrar o fim que tiveram seus companheiros, Onofre, os irmãos Daniel e Joel Carvalho, Enrique Ruggia, Vitor Ramos e José Lavéchia, conforme apurado nas pesquisas. Ao chegarem ao Brasil, foram conduzidos por Alberi para o sítio de seu tio Niquinho, na região oeste do Paraná. Aliás, o autor destaca que foi esse o Estado com alto índice de presença da Operação Condor, dado que nele há a Tríplíce Fronteira. Chegando ao local, ficou combinado que fariam uma expropriação em um banco em Medianeira, cidade da região. Acompanhava o grupo Otávio Camargo. Para a expropriação, iriam todos, exceto Onofre, que ficaria e se juntaria ao grupo depois.

Ao saírem, não imaginavam a emboscada. Seguiram pela Estrada do Colono, no Parque Nacional do Iguaçu e, ao descerem em um determinado ponto, se depararam com o grupo que os dizimaria. Presente dentre os assassinos, estava o major Sebastião Rodrigues, conhecido por Curió. No dia seguinte à chacina, voltaram ao sítio, quando Onofre ainda os aguardava. Alberi relatou que o grupo havia conseguido sucesso na ação. Então, segundo o *cachorro*, deveria agora seguir para encontrar os demais. No caminho da Estrada do Colono Onofre percebeu que caíra numa emboscada. Foi-lhe oferecido por Alberi para que também se tornasse um *cachorro*, que era o que sonhava o comandante da operação na região, de forma que com mais mortes, pudesse ingressar nos altos círculos militares em Brasília. Mas o general Milton Tavares, chefe do CIE já havia definido

## *Jussaramar da Silva*

pela morte de Onofre que seria o exemplo para evitar deserções futuras.

As informações sobre o lugar da cova onde os corpos dos cinco primeiros se encontravam foi-lhe fornecido por Dona Eva, viúva de Niquinho, tio de Alberi e proprietário do sítio, onde o grupo de Onofre ficara supostamente escondido. Onofre havia sido jogado no rio, e depois da construção do lago de Itaipu, seu corpo ficou no fundo, impossibilitando recolher os restos mortais. Já para a exumação foi necessário se comunicar com a Secretaria Nacional de Direitos Humanos. A demora em tomar providências, a morosidade burocrática, os empecilhos criados por esse órgão e a desarticulação de uma política de Estado no Brasil que queira restabelecer a verdade, emperraram o processo. Também a vinda da Equipe Argentina de Antropologia Forense ao Brasil para fazer as buscas dos corpos foi atrapalhada por vários tramites e morosidades.

Palmar sentia-se cada vez mais próximo e cada vez mais distante, mesmo sabendo que os corpos foram enterrados numa curva, próximo ao quilometro seis da Estrada do Colono. E finalmente os mortos não foram encontrados. Essa é a angústia final do livro. Passar toda a narrativa seguindo os passos desse ex-guerrilheiro do MR-8, depois da VPR, *seus diversos encontros com a morte*, como ele próprio narra, da qual saiu dela às escondidas; sua ansiedade em encontrar e dar um sepultamento digno a seus amigos e companheiros termina pelo não comprometimento dos órgãos que deveriam cuidar de restabelecer o que deveria ser restabelecido no Brasil.

### *Notas*

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Estudos Pós-graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com a dissertação intitulada “A Usina de Itaipu e a Operação Condor: o outro lado das relações bilaterais Brasil-Paraguai (1973 – 1988)”, sob orientação da prof. Dra. Vera Lucia Vieira. Bolsista CNPq. E-mail: jussaramar@terra.com.br.

<sup>2</sup>Memorando da Casa Branca, com data de 9 de dezembro de 1971, referente à reunião entre Médici, o então presidente norte americano Richard Nixon e o General Vernon Walters. Acervo da autora, gentilmente distribuído em seminário no Brasil por Peter Kornbluh.

### *Bibliografia*

CERVEIRA, Neusa Maria Romanzini Pires. *Memória da Dor: a Operação Condor no Brasil (1973-1985)*. Tese de Doutorado. USP, 2007.

SANTOS, Márcia Guena dos. *Operação Condor – Uma conexão entre as polícias políticas do Cone Sul da América Latina, em particular Brasil e Paraguai, durante a década de 70*. São Paulo: dissertação PRO-LAM/USP, 1998 – VOLUME I e II.